

Blindados (*)

Ten Cel
PAULO EDUARDO

1. Introdução

Na guerra árabe-israelense de 1973 os blindados, apesar das pesadas perdas sofridas, permaneceram como o principal elemento de decisão das batalhas travadas.

A aviação de apoio ao combate e as armas anticarro, utilizadas intensamente, arrefeceram, em algumas oportunidades, pela sua eficácia, o impeto dos blindados, mas não foram de molde a impedir sua ação decisiva mormente quando do largo envolvimento realizado pelos israelenses já em território egípcio.

Os combates de carro contra carro puzeram de manifesto a extrema violência e pertinácia dos combatentes de par com algumas virtudes e outras tantas deficiências do material empregado.

Do lado árabe foram empregados os carros russos T 54, T 55 e 62 sem nenhuma modificação dos originais.

Do lado israelense, os carros utilizados foram o Centurion inglês, o velho, e sempre útil, Super Sherman, o Patton M 48 e o M 60 A1 americanos, esses todos modificados pelos israelenses o que veremos com um pouco mais de detalhes a seguir.

2. Exemplo a seguir

Os israelenses aproveitaram o Sherman, apesar de sua silhueta alta e sua mobilidade deficiente, em relação ao material mais moderno, modificando-lhe o armamento. Assim

(*) Dados extraídos da Revista "L'Armée".

é que, com a introdução de um canhão 105 mm, esse carro, da segunda guerra, mostrou-se útil e obteve ótimos resultados nos duelos de carro a curta distância.

Nos outros carros, Centurion M 48 e M60, as modificações foram de maior profundidade.

O Centurion israelense é oriundo de seu homônimo britânico/M5 e nele as principais modificações introduzidas foram a substituição: — do canhão de 83 mm pelo de 105 mm L 7 britânico; — do motor original de 650 HP pelo Diesel Continental V 12 americano de 750 HP, refrigerado a ar;

- dos cofres de munição originais por outros que aumentaram sua capacidade de remuniamento;
- de alguns anteparos e outros detalhes visando a aumentar o conforto da guarnição.

O Patton M 48 israelense é oriundo do M 48 A1 americano. Nele a modificação do armamento consistiu na substituição do canhão 90 mm pelo mesmo de 105 mm que eles haviam colocado no Centurion.

A mesma substituição de motor pelo Diesel foi realizada o que aumentou bastante sua mobilidade e autonomia.

O M 60 A1, carro básico de emprego no exército dos Estados Unidos, é o blindado mais moderno que os israelenses utilizaram, sofreu como os anteriores aqui citados as mesmas modificações quanto o armamento e motor.

Essa unificação de motores e armamento trouxe inegavelmente uma vantagem indiscutível de ordem logística. Um mesmo item de suprimento classe V para todos os seus blindados e uma padronização na manutenção. Com essa medida os israelenses conseguiram fazer com que cerca de 1.000 peças pudessem ser intercambiadas entre seus diferentes tipos de blindados.

Parece-nos que este seria um exemplo a seguir em países como o nosso.

3. O que se fez

No Brasil já dispomos de indústria vitoriosa no que tange a viaturas blindadas sobre rodas. As encomendas feitas aqui no Brasil e no estrangeiro de carros Urutu e Cascavel comprovam a assertiva acima.

Quanto a modificações a introduzir nos blindados sobre lagartas que possuímos, temos um primeiro passo dado. Já em 7 Set de 1973, última parada da administração O. Geisel na pasta do Exército, desfilou em Brasília o X1 cuja fotografia ilustra este artigo.

Esse foi um trabalho de vulto que começará a produzir frutos breve, continuidade que as outras administrações, que se seguiram àquela, deram ao programa.

É o nosso velho conhecido "Perereca" com motor Diesel, nova roupagem, armamento mais sofisticado e outras melhorias, que aumentaram em muito suas possibilidades em mobilidade — incluindo aí raio de ação, flexibilidade e fluidez — potência de fogo e meios de comunicação.

4. O que se pode fazer

Ainda temos o Sherman e o M 41, este armado com canhão de 76 mm de calibre, já em desuso e portanto com dificuldades crescentes de suprimento de munição.

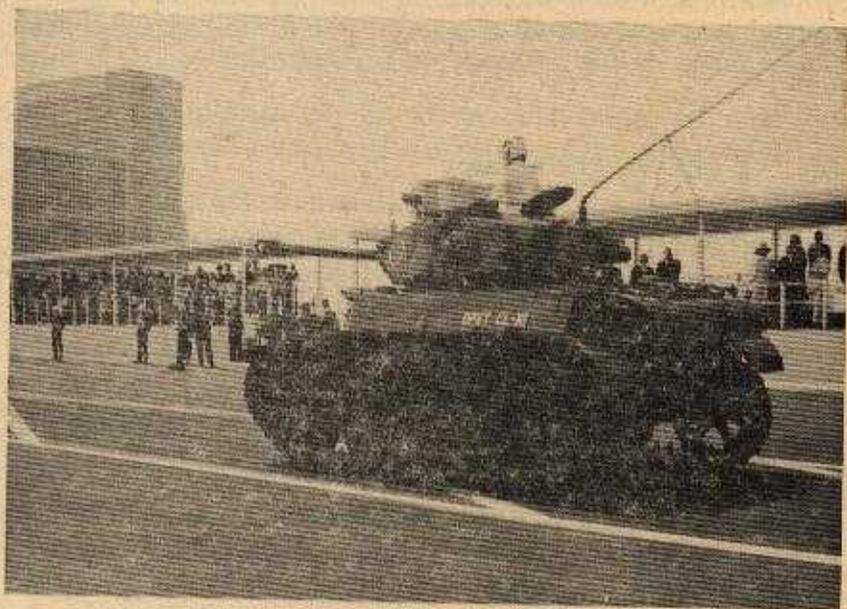
Parece que uma boa política seria a de, seguindo o exemplo de Israel, procurar modificá-los em armamento e motor, procurando padronizá-los. Quanto ao Sherman o exemplo israelense aí está para dizer-nos que: deve ser eficaz e de custo compensador, pois um país como esse teria, pelos compromissos financeiros que teve que assumir, de gastar judiciosamente o seu dinheiro para poder importar só o material imprescindível e mais sofisticado.

Interessar outras fábricas, de nosso já grande Parque Industrial de veículos a motor, no estudo e apresentação de protótipos de blindados, com especificações realistas e nada mirabolantes, seria outra via a seguir para a aquisição de know-how tão necessário a, em caso de guerra, não se perder tempo.

5. Conclusão

Sabemos que os principais responsáveis estão atentos ao problema. Esse despretençioso artigo serve tão somente para interessar outros companheiros, tão desejosos quanto nós de vermos nosso Exército se modernizando a custa de nosso próprio esforço com o auxílio imprescindível de uma indústria Brasileira capaz de suprir nossas necessidades.

Lembremo-nos de que os Blindados brasileiros, feitos ou modificados aqui, é que permitirão manter nossa vontade de, na batalha terrestre, dizer a última palavra.



7 Set 1973 — Carro Brasileiro X1 desfilando em Brasília